

## Gestão das paixões políticas: uma breve abordagem da utilização do ressentimento em demandas políticas na perspectiva de Pierre Ansart

*Management of political passions: a brief approach to the use of resentment in political demands in the perspective of Pierre Ansart*

Makchwell Narcizo

 <http://orcid.org/0000-0003-3665-3786>  
Instituto Federal Goiano

**Resumo:** Objetiva-se com o presente trabalho analisar a importância dos ressentimentos para demandas políticas. Para tal, a análise aqui proposta se sustenta em Pierre Ansart, lançada em seu livro *La gestion des passions politiques* de 1983 e desdobrada ao longo de sua carreira, em que busca tratar a importância das emoções, dos sentimentos, dos afetos, das paixões que se encontram presentes nas instituições, nas decisões, nos fatos políticos e que fazem parte da experiência cotidiana. Partindo da proposta do pensador francês, dialogando com outras perspectivas e desdobramentos, em conexão com a História, que enfoquem demandas afetivas e em especial os ressentimentos, o artigo usa como caso concreto a gestão de sentimentos promovida por Marine Le Pen, presidente do partido de extrema direita Front National em sua tentativa de ascender ao cargo máximo da República Francesa. Na investigação é dada especial atenção para os pronunciamentos do Mont-Saint-Michel.

**Palavras-chave:** Gestão. Sentimentos. Política. Ressentimentos. Marine Le Pen.

**Abstract:** The objective of this paper is to analyze the importance of resentments for political demands. The analysis is based on that of Pierre Ansart, launched in his 1983 book *La gestion des passions politiques* and developed throughout his career, in which he seeks to address the importance of emotions, feelings, affections, and passions in the institutions, decisions, and political facts and which are part of the everyday experience. Starting from the proposal of the French thinker, dialoguing with other perspectives and developments, in connection with History, that focus on affective demands and especially resentments, the article uses as a concrete case the management of feelings promoted by Marine Le Pen, president of the far right party Front National in his attempt to rise to the top of the French Republic. In the investigation, special attention is paid to the Mont-Saint-Michel pronouncements.

**Keywords:** Management. Feelings. Politics. Resentments. Marine Le Pen.

### Considerações iniciais

Emoções, sentimentos e paixões são constitutivas da vida humana, logo, compõem a dimensão afetiva da vida política. Dessa forma, as paixões coletivas participam das práticas políticas e, apesar dessa dimensão afetiva ser algo persistente no mundo político e eleitoral, não significa que é de fácil trato por parte de quem visa estudar sua influência.

O professor francês Pierre Ansart (1922-2016), sociólogo e filósofo, Professor Emérito da Universidade Paris VII e colaborador do Núcleo História e Linguagens Políticas – razão, sentimentos e sensibilidades / CNPq, dedicou anos de estudos para refletir sobre tais questões., trazendo contribuições significativas para o campo da História, na medida em que se propôs a trabalhar a presença da ação dos sentimentos e paixões políticas, de seu estatuto teórico e de sua efetividade histórica.

Vários conceitos foram popularizados por Ansart, como “dimensão afetiva da vida política”



Esta obra está licenciada sob uma [Creative Commons – Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)

que é a composição e difusão dos vínculos e repugnâncias, das esperanças e dos temores, dos sentimentos positivos e negativos nas instituições ou nos heróis da cena política ou vinculados à cena política; “sensibilidade política”: sensibilidades coletivas, evoluções lentas ou aceleradas, da indiferença à cólera, do entusiasmo à paixão; “paixões coletivas”: que é resultante da composição das paixões individuais reorganizadas na vida política através de uma complexa gestão (ANSART, 2019, p. 11-12). Todos passaram a compor o léxico dos estudos das afetividades, sentimentos e paixões políticas.

Pierre Ansart (2001, p. 146) argumenta que as emoções, sentimentos e paixões encontram-se presentes nas instituições, decisões e fatos políticos, fazendo assim parte da experiência cotidiana. O autor prossegue:

[...] esperanças e inquietudes durante as campanhas eleitorais, alegrias e decepções face aos resultados, iras, ciúmes e rancores no seio de um partido, angústia diante das ameaças imaginadas, entusiasmo quando se proclama uma vitória nacional ou humilhação quando se proclama uma derrota. Todos esses fatos são bem conhecidos. Eles abundam ao longo da história e manifestam-se incessantemente, sob formas sempre renovadas. Não duvidamos que esses afetos tenham conseqüências múltiplas, às vezes decisivas, no incessante desencadeamento da vida em comunidade. Aliás, não se pode duvidar das conseqüências, eventualmente dramáticas, provocadas pelos ódios interéticos. (ANSART, 2001, p. 146)

Entretanto, apesar da importância destacada, o autor defende que as Ciências Sociais e Políticas, salvaguardando algumas exceções, não elaboram uma reflexão sobre fatos relativos à sensibilidade política, como se os esforços de explicação e de racionalização inerentes ao conhecimento conduzissem, inevitavelmente, a uma negligência das dimensões afetivas e passionais. É possível dizer que isso se aplica às Ciências Humanas de um modo geral.

A percepção de Ansart é compartilhada por Christophe Prochasson (2005, p. 307) e, segundo o autor, a crítica aplica-se em especial à História Social e à História Política. Afirma que a primeira jamais deixou de cultivar uma certa desconfiança pelos protocolos de pesquisa, aos quais aviltou, acusando-os de se perderem em formas negativas de individualismo e de psicologismo; e a segunda, da mesma forma a essa linha crítica, se apoia, na maior parte de suas versões, sobre a hipótese da existência de um sujeito *deliberante*, consciente, racional e habitado apenas pelo impulso de perseguir seus interesses, ou pela fidelidade às suas ideias.

Prochasson destaca, em seguida, que há um número crescente de historiadores que propõem perspectivas mais amplas à História Política; perspectivas estas que não reduziram mais a política à sua dimensão cognitiva, mas que, sem renunciar a esta, lhe agregariam outras, simbólicas e afetivas. Também admite que há um projeto de uma História Social das Emoções Políticas (PROCHASSON, 2005, p. 307).

Note-se que a dimensão afetiva presente no exercício político e as possibilidades de sua apreensão, que são a preocupação central de Pierre Ansart, se estendem para o presente trabalho, que tem o pensador francês como orientador e busca diálogos possíveis com outros autores. Ansart propõe, também para historiadores, possibilidades metodológicas para que se estude o papel das paixões e dos sentimentos na História.

Stella Bresciani (2002, p. 7) ressalta que as dificuldades em se tratar sentimentos na História levam comumente à recusa da abordagem. Prossegue demonstrando que a opção da ciência positivista foi eliminar do seu campo de observação essas experiências cotidianas para somente reter da “realidade” política aquilo que poderia ser traduzido racionalmente. O que leva ao que a autora chama de fracasso, na medida em que torna-se impossível dar conta da experiência concreta dos agentes da história tais como eles a vivenciaram ou sofreram.

Pierre Ansart (2001, p. 147) destaca que convém lembrar, no que diz respeito à reflexão sobre paixões sociais e políticas, que grandes pensadores da vida política buscaram compreender questões que estão ligadas à sentimentos, demonstrando assim que existem importantes

antecedentes históricos, desde a filosofia grega, levantando questões como: por que e em quais circunstâncias os cidadãos podem conhecer sentimentos de cólera, de furor ou de entusiasmo? Esses cidadãos podem atuar coletivamente para exprimir seu ódio, entusiasmar-se por uma causa comum ou destruir símbolos detestáveis, aceitar, às vezes, riscos de morte para além do desejo instintivo da sua própria preservação? Para isso, o autor trabalha com textos extraídos de obras de Platão, Maquiavel, Tocqueville e Marx.

A utilização de Tocqueville para demonstrar a persistência da utilização de sentimentos em política e nas suas análises é outro ponto de encontro bastante interessante entre Ansart e Prochasson, que reserva algumas páginas para tratar de quem ele chama de o “Psicólogo da Política” (2005, p. 314-323).

Pierre Ansart busca romper com a separação entre paixão e razão destacada acima, especialmente com o domínio da razão sobre a paixão, mesmo aquela não sendo necessariamente absoluta, como ele mesmo apresentou, por conta dos autores com os quais tratou. Bresciani (2002, p. 8) defende que, com isso, emerge a possibilidade de questionamento dessa partilha que representa uma ilusão compartilhada pelos mais importantes pensadores da Modernidade, sendo questionada, sobretudo, pelo reconhecimento que dera lugar a um paradoxo constitutivo das sociedades estruturadas sobre seus pressupostos. A autora aponta, assim, um importante aspecto, o de que esse paradoxo expressava a impossível formação do sentimento de pertença e de identidade societária, sendo ela nacional, partidária ou de qualquer grupo genérico, apenas amparada pelos argumentos racionais.

Ainda seguindo as orientações da autora, infere-se que as identidades coletivas são marcadas por afetividades do campo pessoal, tal como satisfações e frustrações, todas as intensidades possíveis do prazer ou da dor, ou em casos mais extremados, pela exaltação de sucessos ou a agonia do inverso. A existência desses vínculos entre afetividade e identidade vem sendo confirmados nos últimos anos por ciências que estudam o social. Ou seja, a construção de uma metodologia que dê para a dimensão afetiva da vida humana sua devida importância, traz novas possibilidades e entendimentos.

A percepção de que as afetividades agem de forma marcante na constituição das identidades, logo, na vida social e política, é hoje uma realidade por parte de quem busca compreender a sociedade, tal como a História. Apesar disso, ainda existem dificuldades metodológicas e, de certo modo, resistência, na medida em que é necessário romper uma dinâmica que hierarquiza os motivadores das ações sociais, colocando as afetividades em um local secundário em relação à razão.

Pierre Ansart não cria necessariamente uma metodologia, mas aponta possibilidades a partir da formulação de questões fundamentais para uma análise das emoções e sua força política. Vejamos:

1 – O primeiro desafio é, sem dúvida, reagrupar, escolher os rastros, os sinais das “emoções” (esses afetos vivos e limitados no tempo), dos “sentimentos” (esses sistemas sócio-afetivos menos aparentes e mais duráveis), das “paixões” (termo que destacamos com suas ambigüidades que designam, ao mesmo tempo, a afetividade vivenciada e a intensidade da ação). Esses sinais a serem reagrupados são essencialmente expressões e práticas significativas. [...] Trata-se, nesse caso, somente de um trabalho preliminar.

2 – Uma segunda questão diz respeito ao passado de um sistema sócio-afetivo: sua gênese e sua formação existiram no tempo dessas paixões? Nós nos referimos à história, não à história cronológica ou estritamente econômica, mas à história das crenças, das expressões, tanto quanto a das práticas políticas, dos conflitos sociais e, sobretudo, das lembranças por estes deixadas. O analista das paixões não pode evitar o questionamento sobre o tipo de passado que lhe diz respeito: trata-se menos do passado do historiador, reconstruído segundo os critérios da crítica, e mais do passado imaginado, na maioria das vezes, reconstruído segundo os interesses ou os preconceitos do presente.

3 – Ela confronta seus estudiosos com a questão das continuidades e das discontinuidades, como também com as ilusões em relação a ambas. Como explicar a continuidade das

hostilidades e dos ódios ao longo das transmissões históricas? [...] Podemos nos ater à hipótese geral de que instituições (familiares, escolares, religiosas) participam da transmissão, do “inculcamento”, dos valores afetivos. No entanto, somente um estudo cuidadoso das expressões, das linguagens, dos símbolos comuns, poderá precisar o papel desempenhado por uma instituição nesta transmissão. (ANSART, 2000, p. 153-157)

Neste primeiro bloco é possível notar que é necessário um trabalho preliminar, tal como especial atenção para os antecedentes históricos que resguardam os sentimentos a serem estudados e analisados, devendo o investigador indagar, especialmente, acerca de que tipo de passado está a analisar, para assim poder se situar em seu próprio presente e nos interesses que lhe guiam:

4 – O analista das paixões políticas é confrontado inevitavelmente com o problema do caráter coletivo dos afetos. Sabemos que uma forte tradição não cessou de admitir que um membro de uma classe, de uma casta, de uma etnia, compartilha necessariamente os amores e os ódios existentes no seio de seus respectivos grupos. Uma tal simplificação oculta problemas essenciais. [...] É preciso distinguir o lugar e o papel dos grupos militantes, seus líderes efetivos ou simbólicos, seus dizeres e seus fazeres. Eventualmente, deve-se analisar o papel excepcional de um ator individual.

5 – Atingimos uma das questões essenciais da análise: a do espaço do sujeito individual nas paixões coletivas. Para designá-lo utiliza-se os amores, os medos, as iras, um vocabulário psicológico, que é relativamente claro no que diz respeito ao sujeito individual. Mas que vocabulário poderia ser usado numa atividade comum, como em uma manifestação? O que é uma indignação coletiva? Que relação se estabelece entre o sujeito, o ego e os outros, numa indignação comum? Não podemos evitar a abordagem de tal questão, mas é impossível respondê-la a partir de um único caso.

6 – O estudo das relações intersubjetivas tem seu lugar nesse percurso. As interações conduzirão a um abrandamento das paixões, ou ao seu desvio, ou à sua repetição, ou ainda à sua consolidação? Existe uma circulação dos afetos? Por que, como e em quais circunstâncias? (ANSART, 2000, p. 153-157)

O segundo bloco apresentado aponta para a necessidade de observação dos grupos na construção dos afetos, mas também a observação da ação de indivíduos no interior desses grupos. Desta forma, uma observação que não trate de ambos será sempre uma observação deficitária, as paixões coletivas passam necessariamente pelas paixões individuais e sua compreensão passa necessariamente pela observação de ambos e por compreender como um influencia o outro, entendendo que o processo é intersubjetivo.

7 – As afetividades políticas transformam-se às vezes muito rapidamente; Tocqueville já salientava este fato em relação às eleições em uma democracia: emoções, querelas, discussões, declarações exaltadas ou injuriosas, discussões violentas que se prolongavam até às vésperas da eleição, e, em seguida, de maneira muito rápida, uma vez conhecido o resultado, calma e, para muitos, retorno à indiferença. Os períodos mais significativos em termos de mudanças profundas são certamente aqueles de conflito, nos quais as paixões se exasperam, manifestam-se ruidosamente e, em seguida, são apaziguadas. [...]

8 – Por fim, na análise dessas diferentes questões, é incessante a manifestação das relações entre os afetos e as ações. Pode-se dizer que, por causa disso, a pesquisa sobre as paixões políticas adquire um verdadeiro sentido. Ora, essa relação é eminentemente plural e reveste-se de múltiplas formas: em um momento, afetos encontram suas expressões, mas não conduzem a qualquer ação ou a poucas manifestações simbólicas; em outro momento, as condições inibem as expressões, mas os afetos revelam-se brutalmente ao longo de uma agitação violenta. [...] (ANSART, 2000, p. 153-157).

O último bloco sugere que as transformações no campo das afetividades políticas são rápidas, desta maneira a observação por parte dos pesquisadores deve ser constante para acompanhar tais mudanças. Por fim, a compreensão, no que tange aos afetos em relação às ações, pode se resguardar de temporalidades distintas, então, é necessário que o pesquisador fique atento a isso.

É importante destacar que Ansart não cria uma metodologia, mas propõe caminhos. Tais caminhos, que não podem ser entendidos como facilidades, mas, em certa medida, como facilitadores do trabalho de quem busca trabalhar com os afetos em política, devem passar, necessariamente, por um rastreio preliminar dos afetos, buscando uma compreensão do tempo das paixões, tempo este que não é meramente cronológico, vide que é necessário compreender um passado sentido, reconstruído a partir do presente. O que torna fundamental compreendermos as continuidades e descontinuidades impressas nos sentimentos. É basilar na análise das paixões políticas a observação do caráter coletivo que os afetos carregam, tendo a sensibilidade para analisar o papel excepcional de indivíduos no interior desses grupos. Isso leva ao ponto essencial da análise em questão: o espaço do sujeito individual nas paixões coletivas.

É necessário observar que as afetividades políticas mudam constantemente e mudam rapidamente, fazendo com que as ações sejam influenciadas, logo, a percepção do encontro entre afeto e ação é fundamental por parte de quem se aventura a tratar as paixões políticas.

Trouxemos Prochasson (2005) para demonstrar que, apesar de Ansart ser central em tal discussão, em especial por conta de seu texto clássico datar de 1983 servindo de orientador para muitos estudiosos, em especial historiadores, há diversos desdobramentos a partir dele, como o próprio caso do trabalho do Prochasson acima citado.

Prochasson (2005) traz importantes nomes de pesquisadores que utilizam sentimentos em suas investigações, mesmo apontando as barreiras a serem superadas, já mencionadas anteriormente. O autor (2005, p. 311) conclui que, em especial, a História Política da França contemporânea não está completamente à parte da agenda que inclui sentimentos e que agora parece se impor progressivamente. A dimensão sensível do vínculo político faz parte das inquições daqueles que observam e analisam a política, ainda que, sem dúvida, de forma muito insuficiente.

Aponta ainda (PROCHASSON, 2005, p. 311-312) que há uma tradição já mais robusta nos Estados Unidos da América, na medida em que inúmeros historiadores abordaram frontalmente a questão das emoções. Cita trabalhos como os de Robert Nye e William Reddy tratando da questão do papel desempenhado pela honra; na França contemporânea, Edward Berenson, por sua parte, deu toda a importância ao papel das emoções, e Jon Elster aborda seu tema favorito tratando a emoção em Tocqueville como matéria prima, o que alimenta a História Política. Entretanto, é importante destacar que mesmo citando e abordando diversos trabalhos, Prochasson (2005, p. 311) dá o devido destaque para Pierre Ansart.

Textos de História Política que abordem sentimentos em algum momento dialogarão com Claudine Haroche, que, por sua vez, tem diálogos intensos com Pierre Ansart. Em sua percepção dos sentimentos, Claudine Haroche defende que os gestos participam da fundamentação das instituições políticas. Com base em uma análise de Norbert Elias, a autora argumenta (2008, p. 37) que no funcionamento da corte havia um tipo de organização em cada gesto, cada postura designava simbolicamente a posição, o status e o poder de cada indivíduo. É salutar a percepção de que a regulação não apenas visava a representação exterior, a conquista do melhor status, da melhor potência, uma segregação que dizia respeito aos “meros mortais”, mas tinha também a função de demarcar mentalmente as distâncias que separavam entre si, no plano interno, os membros da sociedade.

Em consequência, as questões aqui apresentadas envolvem o governo de si. Haroche defende que o governo de si, quer se trate do corpo, quer se trate dos sentimentos, exige certa postura: o bem-estar do próximo e o respeito por ele, o exercício constante de um controle vigilante de si mesmo. Neste ponto, nota-se a pertinente questão do governo de si para a tentativa de governo dos outros, governo de si que passa pelas questões íntimas, como os sentimentos, e a questão de postura externa. Claudine Haroche (2008, p. 31) destaca que, “quer se trate de economia doméstica ou de política, o governo de si é indispensável”, devendo governar docilmente, não apenas pelo uso da força. A autora acrescenta que deve-se “ser mestre de si mesmo para se

fazer amar, ser mestre de si para ser mestre dos outros”.

Outros desdobramentos viáveis de autores que tratam sentimentos são possíveis, como Barbara Rosenwein (2011) que tem se destacado, em especial, por conta de uma incessante defesa para que se olhem para as dimensões históricas das emoções, defendendo incessantemente a necessidade de uma múltipla história das emoções que permita problematizar os sentimentos do passado, tratando de suas características distintivas. Entretanto, o foco central no presente ensaio são autores que dialogam diretamente com Ansart, o que inviabiliza uma análise que enfoque a perspectiva da Escola dos *Annales*, passível de abordagem em outro momento.

Após essa apresentação de Pierre Ansart, da problemática em que ele se insere e, especialmente, das contribuições que ele promove também para a História, busca-se agora tratar um aspecto das suas contribuições: a importância dos ressentimentos para as demandas políticas, buscando entendê-los no interior do que Ansart trata como dimensão afetiva da vida política, transitando entre as paixões individuais e coletivas.

### **O ressentimentos e democracia**

No que diz respeito à dimensão afetiva da vida humana, ou seja, à construção dos afetos que compõem as dimensões da vida diária e do cotidiano, transitamos por locais da memória que não controlamos de forma voluntária. No campo dos afetos, nos deparamos com o ressentimento que, invariável e comumente, é estendido para a dimensão afetiva da vida política, tornando-se uma importante ferramenta nesse campo.

Por sua vez, o ressentimento é uma constelação afetiva ampla que Maria Rita Kehl (2014, p. 13) defende ser do tipo que serve aos conflitos característicos do homem do mundo moderno, privilegiando o indivíduo em detrimento do sujeito, contribuindo para sustentar nele uma integridade narcísica que independe do sucesso de seus empreendimentos. A autora adianta a hipótese de que a versão imaginária da falta, no ressentimento, é interpretada como prejuízo. Isso é importante aqui para compreendermos a força que o ressentimento ganha nas demandas políticas.

Seguindo essa orientação, ainda em Maria Rita Kehl (2014, p. 13), para uma compreensão preliminar do que é ressentimento, podemos entendê-lo da seguinte maneira: “Ressentir-se significa atribuir ao outro a responsabilidade pelo que nos faz sofrer. Um outro a quem delegamos, em um momento anterior, o poder de decidir por nós, de modo a poder culpá-lo do que venha a fracassar”. A própria autora considera a definição genérica pelo fato da aproximação com o paradigma do neurótico.

O filósofo Friedrich Nietzsche, na busca de compreender a modernidade, dedicou-se a refletir sobre o ressentimento, constituindo-o um dos pontos centrais de seu pensamento. A modernidade seria, para o filósofo, alicerçada em valores que foram construídos na aliança entre Estado e Igreja, o primeiro responsável pela coerção, impondo aos indivíduos os valores criados pela segunda. O Estado, para Nietzsche (2009, tese 2 parágrafo 17) produziu mudanças ativas e radicais na humanidade, fazendo com que o homem, a partir de sua tutela, vivesse sob uma coerção inevitável, contribuindo direta e decisivamente para deixarem de ser livres e se tornarem culpados.

Nietzsche faz uso da expressão ressentimento para caracterizar uma ideia de auto envenenamento, o que envolve ódio, rancor, inveja, uma série de sentimentos reativos que ocorre quando esses sentimentos, na medida em que não podem ser descarregados para o exterior, voltam-se para o homem interior, envenenando-o. Por esse motivo é chamado de res-sentimento.

Ainda em Nietzsche, é possível ler:

A rebelião escrava na moral começa quando o próprio ressentimento se torna criador e gera valores: o ressentimento dos seres aos quais é negada a verdadeira reação, a dos atos, e que apenas por uma vingança imaginária obtêm reparação. Enquanto toda moral nobre nasce de um triunfante Sim a si mesma, já de início a moral escrava diz Não a um “fora”, um “outro”, um “não-eu” – e este Não é seu ato criador. Esta inversão do olhar que estabelece valores — este

necessário dirigir-se para fora, em vez de voltar-se para si — é algo próprio do ressentimento: a moral escrava sempre requer, para nascer, um mundo oposto e exterior, para poder agir em absoluto – sua ação é no fundo reação. (NIETZSCHE, 2009, segunda tese parágrafo 10)

Para compreendermos o que Nietzsche busca expressar, retomamos as orientações de Ansart (2009). Para ele, Nietzsche elabora o conceito de ressentimento em três abordagens complementares: histórica, psicológica e sociopolítica. Pois bem, no quesito histórico, o autor (p. 16) destaca a afirmação de Nietzsche de que o ressentimento seria o resultado do que já apontamos, um longínquo conflito entre a religião judaico-cristã contra os guerreiros aristocratas. O que ocorre no Ocidente são desdobramentos dessa guerra, o desdobramento da mesma situação, a sublevação dos inferiores pela sublevação dos escravos contra os dominadores.

Ansart busca mostrar que o trabalho de Nietzsche, ao traçar o histórico do ódio transformando-se em ressentimento em seu processo de longa duração no embate entre a moral escrava frente a postura aristocrática, culmina na interiorização do ódio por parte dos inferiores, fazendo com que esses não somente convivam com ele, mas busquem justificá-lo, glorificando-o como algo bom, por isso não haverá uma busca para sua superação, que, em suma é, em si, um ódio de si mesmo.

O próprio Pierre Ansart alerta para os perigos de se tomar as considerações de Nietzsche como definitivas, ou mesmo seu conceito de ressentimento como algo fechado, apontando a própria linguagem da Genealogia da Moral. Por conta disso, Ansart mostra Max Scheler como um contraponto necessário..

Diferentemente de Nietzsche, Max Scheler acredita que o ressentimento surge entre os iguais. Partindo daí, defende que o ressentimento resulta da competição entre pessoas, em uma luta constante e contínua pela redistribuição de prestígio e poder no interior de uma sociedade.

Em Scheler, o sentimento de vingança ganha uma configuração distinta, um sentido diferente. Para tal, vejamos dois momentos de sua argumentação:

[...] este sempre-de-novo-através e a partir do viver da emoção é muito diferente de uma mera recordação intelectual da emoção dos antecedentes sobre os quais ela “responderia”. O ressentimento é um vivenciar da emoção mesma – um sentir após, um sentir de novo. Destarte, a palavra traz em si o fato da qualidade desta emoção ser um negativo, o que significa ser um movimento de hostilidade. [...] (SCHELER, 2012, p. 45)

O agravo é a base do ódio, mas este é guardado e tem causas e consequências bem determinadas. O ressentimento é um envenenamento da alma, resultado de uma introjeção psíquica contínua, um exercício sistemático de recalçamento, como afirma Max Scheler (2012, p. 48). Em seguida, defende serem tais sentimentos naturais no ser humano, levando à formação e conformação do ressentimento como sentimento e impulso de vingança, de ódio, maldade, inveja, cobiça e malícia. Todavia, sua análise parte do impulso de vingança.

O que há de novo na interpretação de Max Scheler é que este, em certa medida, amplia o alcance do ressentimento, como podemos ver no trecho a seguir:

Mas, em todos estes casos, a origem do ressentimento está presa em uma especial introdução da *comparação* entre *valor* de si mesmo e valor dos outros, a qual necessita de uma breve e distinta investigação. A comparação de nossos valores próprios em geral, ou qualquer uma de nossas características, com valores que a outros pertencem, é executada por nós continuamente. Todos a executam: o nobre e o vulgar, o bom e o mau. Quem escolhe para si, por exemplo, um modelo ou um herói está de qualquer modo ligado a uma tal comparação de valor. [...] (SCHELER, 2012, p. 57)

Aqui, Max Scheler mostra não apenas que o ressentimento surge também entre os iguais, mas que ele não é exclusividade da moral escrava. Há uma ampliação no entendimento do ressentimento por parte de Scheler, não ficando exclusivo da moral escrava.

Pierre Ansart (2009, p. 19), em sua concepção sobre a maneira como Scheler constrói sua versão sobre o ressentimento, acredita que há um abandono da hipótese histórica com que Nietzsche trabalha, construindo assim uma oposição para com sua filosofia dos valores. Sobre a complementação da noção de ressentimento, Ansart declara:

É preciso, primeiramente, atentar à diversidade das formas de ressentimento e falar de ressentimento no plural e não de um ressentimento que tomara as dimensões de uma essência universal. Se admitirmos, como faz Max Scheler, que pode existir, por exemplo, um ressentimento ligado às relações entre grupos de idade, convém especificar precisamente os caracteres de tal sentimento e sublinhar tudo aquilo que separa tais afetos difusos do ressentimento recíproco que pode opor, por exemplo, duas classes sociais, ou ainda, duas etnias. [...] (ANSART, 2009, p. 19)

Para Ansart, o próprio Nietzsche apresenta na Genealogia da Moral dois tipos opostos de ressentimento: o dos fracos contra os mais fortes, que é amplamente comentado, e, por outro lado, o ressentimento dos dominantes em relação aos dominados, que é tão destruidor quanto a outra forma mais debatida do ressentimento. Segundo o argumento de Ansart (2009, p. 19): “Ressentimento que é reforçado pelo desejo de reencontrar a autoridade perdida e vingar a humilhação experimentada”. É possível entender e notar que tal ódio não é menos recalcado que aquele que o escravo nutre, tal como as bases de vinganças e todo o processo de ressentimento.

É necessário fazer uma distinção entre ódio e ressentimento: é possível argumentar que o ressentimento é um sentimento mais refinado e, na medida em que é guardado, não é um sentimento “bruto”, enquanto o ódio, por sua vez, pode ser momentâneo e passageiro. O ressentimento não passará e tende a não passar; ele se alimenta de outros sentimentos, tal como o ódio, sendo assim mais complexo; quem é possuído de ódio quer vingança, que pode ser de forma automática, enquanto que o ressentido prefere ressentir-se e delongar-se em tal sentimento, ou em tal constelação de sentimentos.

### **Ressentimento social e político**

Contudo, somos levados, aqui, a uma busca do ressentimento em seu nível social e político, como fora proposto no início da exposição. O que foi exposto até o momento é para nos dar sustentação nesta busca.

Em torno dos ressentimentos há disputas políticas e isso se dá porque os ressentimentos compõem-se de uma constelação afetiva que serve aos conflitos dos indivíduos e dos grupos no interior das democracias modernas, como já mencionado aqui. Pierre Ansart (2009, p. 22) afirma que, nas disputas políticas, o ódio comum possibilita o esquecimento das querelas internas e assegura uma mesma comunhão de ódio. A utilização política dos ressentimentos nos leva a questionamentos importantes: como os provocadores utilizam o ressentimento para assegurar apoio? Qual a solidariedade que viabiliza o ressentimento coletivo? Como se operam os movimentos que condizem à ação?

Tais questionamentos, que são importantes em uma análise sobre a utilização política do ressentimento, devem ser orientadores em uma busca de compreensão da utilização do ressentimento por parte de um partido específico, tal como o caso do Front National sob a gestão de Marine Le Pen. Todavia, duas perguntas lançadas por Pierre Ansart (2009, p. 23) são importantes aqui: “o regime democrático favorece ou desfavorece a formação dos ressentimentos? Pode ele significar, de alguma forma, uma terapia contra o ressentimento?”

Em certa medida, o sistema democrático se encontra em meio a um paradoxo que conta com o ressentimento como um de seus resultantes. Se, por um lado, a democracia tem como essência permitir a expressão, permite também a expressão das hostilidades, o que levaria à transformação dos ódios secretos em algo racionalizado, suprimindo assim, o que seria transformado em ressentimento. Entretanto, é necessário destacar que isso ocorre em uma

democracia ideal.

Por outro lado, a democracia em diversos momentos será palco para as expressões de ódios, mesmo que estes fiquem em camadas superficiais da memória e provoquem mais ódio em grupos opositores, gerando assim, o ressentimento recíproco.

Somos levados ao ponto central na interpretação dos ressentimentos no interior da democracia e sua complexa gestão. Se levarmos em consideração que os afetos são passíveis de gestão e que os sentimentos são ocasionalmente geridos, os ressentimentos que, como tratado anteriormente, são uma constelação afetiva de sentimentos hostis, não fugiria a uma gestão. Aqui, ainda pensamos na perspectiva dos processos democráticos e dos jogos de poder que a democracia suscita. A este respeito, Pierre Ansart argumenta:

A gestão democrática dos ressentimentos é, portanto, menos simples do que pensam os ideólogos da democracia. Este sistema, possuindo a vocação de respeitar uma certa liberdade de expressão e de tolerar as manifestações de hostilidade, é levado a organizar o que podemos chamar de uma “gestão” dos ressentimentos, entendendo por isso não uma iniciativa premeditada de alguns manipuladores de opinião, mas ação não programada, embora relativamente coerente, das instituições e seus agentes. O regime democrático é, na verdade, o regime que, contrariamente aos regimes autoritários ou absolutistas, possui a vocação de ouvir os ecos dos ressentimentos, dar-lhes um certo direito de expressão, nos limites das leis, e favorece a superação dos ódios pela discussão e pelas concessões. [...] (ANSART, 2009, p. 26-27)

Os ressentimentos são importantes na engrenagem democrática, sendo em determinados momentos apaziguados, e em outros, exaltados, mas sempre estão presentes. A democracia trabalha com o ressentimento, possibilitando que estes sejam trabalhados e até suavizados. É necessário abandonar a ingenuidade de achar que os ressentimentos irão desaparecer das sociedades democráticas: eles podem tomar intensidades distintas, mas não desaparecer, por isso é necessário observar os rumos que sua gestão pode tomar em determinados momentos, mesmo que para isso os mecanismos de que dispomos sejam imprecisos.

### **Um exemplo prático: Marine Le Pen e a gestão dos sentimentos políticos**

Para pensarmos um exemplo prático, tenta-se compreender a gestão das paixões políticas a partir da empreitada de Marine Le Pen em busca da presidência francesa, na medida em que ela traça estratégias utilizando-se de mecanismos descritos por Ansart e pelos outros autores visitados.

Marine Le Pen constrói seus argumentos fazendo ligações simbólicas, utilizando-se de aspectos históricos bem definidos em configurações específicas para atender suas demandas, empregando cargas afetivas particulares a eles.

O ódio não é apresentado de forma primária ou de forma inicial em seus discursos, como era feito com o pai: a forma como Marine Le Pen constrói seus argumentos segue uma lógica bem própria.

Marine Le Pen em seus discursos (quando pode, estende também para outras modalidades tal como em seu blog ou até mesmo no seu plano de governo), busca estruturar uma espécie de fundo emocional que dê suporte a seus argumentos, fazendo uso, em diversos momentos, de aspectos históricos tratados sob uma perspectiva própria, resgatando uma memória e trazendo para os fatos a afetividade que lhe convém, tudo para criar condições para direcionar os ouvintes/leitores/eleitores para seus reais objetivos, o que culmina no voto. Para tal, faz utilização constante da tradição e cultura francesa, tal como da noção de povo francês.

O emprego de sentimentos é variado: eles vão de sentimentos de orgulho, sentimentos triunfalistas ligando a França, sua tradição, sua história e ressaltando aspectos gloriosos, para depois a abordagem focar os momentos de decadência da França, tendo assim possibilidade de categorizar e culpar pessoas e grupos específicos. O jogo com sentimentos que envolve, desta

forma, de maneira consciente, os ressentimentos, é uma estratégia de Marine Le Pen.

Tal designação pode ser notada em diversos momentos e em discursos e documentos; será aqui abordado de maneira destacada o documento *Appel du Mont-Saint-Michel* intitulado *Pour l'unité des français*. Como se trata de um documento curto, Marine Le Pen trata de fazer uma descrição física das belezas locais, para logo em seguida apresentar algumas de suas armas argumentativas:

Este ponto de encontro entre a terra, o mar e o céu, único no mundo, foi durante séculos o resultado tão esperado da longa marcha dos peregrinos. Ele é hoje o símbolo do espírito francês. As muralhas da cidadela militar ainda ecoam as façanhas do Chevalier Du Guesclin; a invencibilidade dessas fortificações, experimentada pela Guerra dos Cem Anos, inspira ainda hoje o espírito de resistência.

No mistério de nossos apegos fundamentais, impõem-se essas obras-primas nascidas do encontro da inteligência, do espírito e da mão que, juntos, obrigam o mundo a reconhecer aqui o testemunho da engenhosidade francesa; para nós, franceses, esses pontos altos de nossa memória nacional evocam nas profundezas da alma o orgulho de ser francês, o prazer de viver como franceses, o desejo de permanecer assim. (LE PEN, Marine, 27 février 2018. Tradução Nossa)

Marine Le Pen utiliza-se do *Mont-Saint-Michel* para evocar o “espírito francês” como uma força inerente a todos os franceses, algo atemporal que os une. Logo depois, evoca um acontecimento central em sua argumentação, a Guerra dos Cem Anos, uma luta exemplar contra o invasor estrangeiro, na prática contra os ingleses, mas há uma apropriação por parte do FN como se fossem genericamente “os estrangeiros” e, acima de tudo, como um símbolo que conclama a resistência a qualquer tipo de invasão estrangeira. Portanto, ao evocar essa memória, o viver como francês e permanecer assim, instrumentaliza tais aspectos da memória como aporte político, como se ela, Marine Le Pen, de alguma forma, se incumbisse de ser guardiã de tais valores.

Em meio a elogios de ordem física e “espiritual”, Marine Le Pen prossegue:

Contemplar o Mont-Saint-Michel, admirar a majestosa harmonia da natureza e da arquitetura, a conjugação entre o espírito e a matéria, entre a fé e a razão, é saber que existe nos corações dos homens algo superior, algo que vai além do fútil, do utilitário ou do subalterno; contemplar esse arranjo maravilhoso é, para nós, franceses, abastecer-se de fidelidades, é conhecer-nos como herdeiros de uma grande história, de uma grande nação, de uma grande civilização; é também sentir certa aversão pelos abandonos desastrosos porque temos a necessidade de continuar incansavelmente a obra-prima, de seguir nesta bela e grande aventura chamada França, de nos sentirmos carregados, mesmo nos períodos de dúvida ou de declínio como hoje, pela engenhosidade da renovação. (LE PEN, Marine, 27 février 2018. Tradução Nossa)

Marine Le Pen coloca a França como um ponto de equilíbrio ideal para o mundo, se colocando, a si e aos franceses, como herdeiros dessa grande história, dessa grande nação e civilização, trazendo em certa medida a responsabilidade de se opor a quem não a valorize, de forma interna e externa. Coloca a si e a cada francês como responsáveis por continuar essa história, em especial em momentos de crise.

A estratégia de Marine Le Pen é característica em suas argumentações: busca criar um espaço favorável para lançar suas teses, fazendo uso de aspectos emotivos. Voltemos para o documento:

Porque aqui bate o coração da França, é daqui que escolhi lançar um apelo à unidade dos franceses. Nosso país está lutando com um totalitarismo duplo, o totalitarismo islamista e o totalitarismo globalista financeiro. Ambos prejudicam nossos valores de civilização, nossa concepção do homem, nossa visão do mundo. (LE PEN, Marine, 27 février 2018. Tradução Nossa)

A utilização do *Mont-Saint-Michel* para o lançamento de sua campanha é pontual, na medida em que busca se utilizar do simbolismo e apelo emotivo que o local carrega, o que é reforçado com

o “aqui bate o coração da França”. Quando fala do duplo totalitarismo, assinala as bases que sua campanha constrói e que constitui-se de 3 partes: 1 – acusar seus opositores de totalitários e se colocar como guardião da democracia, uma das heranças da tradição francesa; 2 – o totalitarismo econômico e o globalismo, representados pela UE; 3 – o que chama de totalitarismo islâmico.

Interessa-nos, neste ponto, a busca de uma compreensão sobre a maneira como ela coloca a civilização e sua visão de mundo como ameaçadas, ao mesmo tempo em que se coloca, ou se propõe a ser, a guardião da tradição. O discurso não traz novos argumentos, apenas renova os mesmos temores: o temor contra o “totalitarismo globalista” integra as mesmas “ameaças” que outrora povoaram as mentes e corações dos nacionalistas franceses por ocasião da Segunda Guerra Mundial: problemas econômicos por “culpa” do imigrante, favorecendo um “nacionalismo econômico”. O que é chamado de “totalitarismo islamista” serve bem ao momento histórico em que é utilizado, mas, pode ser substituído, em outros momentos históricos, por judeu, argelino, *negrer*, cada expressão fazendo sentido dentro de realidades históricas específicas, já que o problema em si não é o islamista, mas a ameaça que ele representaria no momento. Mais do que a ameaça, ele importa pelo temor que pode gerar, o resultado político que pode ser retirado dessa possível ameaça.

Misturando sentimentos novos com antigos, Marine Le Pen prossegue:

Uma nação, nossa nação é um ato de amor: ela é um vínculo sentimental invisível que une os homens além de sua origem em um desejo de compartilhar, uma partilha de nossa riqueza material, claro, mas também a partilha de nosso patrimônio imaterial: nossos valores, a grandeza que emanam nossos monumentos, nossa arte de viver, nossa gastronomia, nossa bela língua, nossas regras de cortesia, nossa baguete, o cafezinho no balcão de um bistrô, enfim, tudo o que faz aquilo que somos. Este patrimônio não tem valor, porque é esculpido por dois mil anos de história, porque vive em nós e é insubstituível. Para além do presente, a nação nos leva a compartilhar esperanças e a vontade de construir o futuro em comum; uma nação, a nossa nação é um impulso do coração e da mente que se reforça ao longo do tempo simplesmente para colocar uma ambição coletiva a serviço de todas as gerações futuras. (LE PEN, Marine, 27 février 2018. Tradução Nossa)

Marine Le Pen faz alusão ao amor à “nação”, o qual, por sinal, é bastante usado em suas argumentações, utilizando-o como um laço sentimental que une os franceses, esse povo eleito por fazer parte de uma cultura com tamanha riqueza e grandiosidade imaterial e também material. O importante, o que é enunciado como diferente, como novo aqui, como relevante, é o fato de projetar esse sentimento no futuro, tendo o que chama de “impulso do coração” como a ligação chave para isso, sendo esta geração o elo para as gerações futuras, imputando a ela, de certa forma de uma maneira ameaçadora, o peso do presente.

A busca da criação e utilização de um laço sentimental que ligue o povo francês a seu passado e a seu futuro é a estratégia central de Marine Le Pen. Isso fica claro quando o documento em análise se aproxima do final:

Nós devemos voltar a ser uma nação de sentimentos. Se a França fosse apenas uma nação pela razão, haveria apenas franceses administrativos, sem alma e, portanto, sem coração, sem identidade e, portanto, sem futuro.

Quero fazer com que a França volte a ser uma nação de coração, uma comunidade de solidariedade entre franceses, uma comunidade de destino como se um único coração batesse em 66 milhões de peitos. (LE PEN, Marine, 27 février 2018. Tradução Nossa)

A reconstrução da França proposta por Marine Le Pen passa, necessariamente, pelos afetos, passa pelo que ela chama de “coração”, não se afastando da razão, mas dando protagonismo ao coração, uma união de corações. Uma nação de sentimentos, tais sentimentos que são diversos, mas que se unem sob o passado da tradição Francesa que direcionará os franceses ao futuro.

A composição argumentativa de Marine Le Pen passa necessariamente por uma construção

afetiva bem definida, na qual faz uso de um passado de glórias, de uma tradição e costumes singulares, trazendo uma herança quase divina e, ao mesmo tempo, uma responsabilidade para com o futuro, colocando-se como guardião de tal herança. Sentimentos são utilizados o tempo todo em suas argumentações, mas de forma organizada e controlada, buscando se utilizar deles em momentos propícios. Logo, é possível observar que os ressentimentos são utilizados em momentos propícios, mas são utilizados na tentativa de organizar sentimentos através de um controle mais racional.

### Considerações finais

Sentimentos são presentes e constituem a vida humana, tal como sentimentos políticos, o que abrange também os ressentimentos; assim sendo, o ressentimento é um importante condutor das ações humanas. O ressentimento é constituinte do que foi chamado anteriormente de memória involuntária, relegado ao passado, podendo ficar calado ou escondido, esperando a hora propícia de ressurgir. Esses sentimentos foram silenciados ou proibidos, mas jamais esquecidos.

Pierre Ansart (2009, p. 24-26) salienta, com base em Freud, que deveríamos perder a ilusão do fim do ressentimento e, especialmente, não esperar de um sistema de organização política, no caso a democracia, a erradicação das invejas, ciúmes e ódios impotentes.

O ressentimento é algo poderoso, especialmente quando potencializado e direcionado para ser utilizado em demandas que são exteriores a ele. O ressentimento sempre teve e terá lugar no mecanismo político; cabe então ao pesquisador, aqui o historiador, analisar como esse (res)sentimento surge e é operacionalizado, como é utilizado, até que ponto é essencial e qual o papel que ele desempenha em um âmbito geral.

Estudos que tratem sentimentos em política, tal como abordagens que visem os ressentimentos, sempre estiveram presentes, mesmo em pequena escala ou tratados em segundo plano, como foi possível notar nas argumentações de Ansart e Prochasson, entretanto há trabalhos consistentes no campo das paixões políticas como demonstrado no decorrer do texto. Ponto importante neste quesito é o lançamento do livro de Pierre Ansart *A Gestão das Paixões Políticas* em 2019, com tradução de Jacy Seyxas, preenchendo uma lacuna significativa nos estudos relativos à temática no país, tendo em vista que o livro original e de importância ímpar do autor francês é de 1983. Desta feita, o horizonte para estudos que tratem a temática é bastante positivo e necessário para a compreensão de nossos tempos.

### Referências

AHMED, Sarah. *The Cultural Politics of Emotion*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2004.

ANSART, Pierre. *A gestão das Paixões Políticas*. Curitiba: Editora UFPR, 2019.

ANSART, Pierre. Em defesa de uma ciência social das paixões políticas. *História: questões e debates*. v. 17, n. 33, p. 145-164, jul./dez. 2000.

ANSART, Pierre. História e memória dos ressentimentos. In: BRESCIANI, Stella; NAXARA, Márcia (org.). *Memória e (res)sentimento: Indagações sobre uma questão sensível*. Campinas SP: Editora UNICAMP, 2009, p. 15-36.

ANSART, Pierre. *La gestion des passions politiques*. Lausanne: L'age d'homme, 1983.

BRESCIANI, Maria Stella. (Introdução), HAROCHE, Claudine. O que é um povo? Os sentimentos coletivos e o patriotismo do final do século XIX. In: BREPOHL, Marion *et al* (org.). *Razão e paixão na política*. Brasília: Editora UnB, 2002. p. 7-11.

BRESCIANI, Maria Stella; NAXARA, Márcia (org.). *Memória e (res)sentimento: Indagações sobre*

uma questão sensível. Campinas SP: Editora UNICAMP, 2009.

HAROCHE, Claudine. *A condição Sensível*. Formas e maneiras de sentir no Ocidente. Rio de Janeiro: ContraCapa, 2008.

KEHL, Maria Rita. *Ressentimento*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2014.

LE PEN. Discours de Marine Le Pen dans l'Orne. 7 janvier 2018. Disponível em: <http://www.frontnational.com/2018/01/discours-de-marine-le-pen-dans-lorne/>. Acesso em: 09 jan. 2018.

NIETZSCHE, Friedrich. *Genealogia da moral: uma polêmica*. Companhia de Bolso São Paulo: 2009.

PROCHASSON, Christophe. Emoções e política: Primeiras aproximações. *Varia História*, Belo Horizonte, v. 21, n. 34, p. 305-324, jul. 2005.

ROSENWEIN, Barbara H. *História das emoções, problemas e métodos*. Trad. de Ricardo Santiago. São Paulo: Letra e Voz, 2011.

SCHELER, Max. *Da reviravolta dos valores*. 2. ed. Petrópolis RJ: Vozes; Bragança Paulista, SP: Editora Universitária, 2012.

SEIXAS, Jacy. Percursos de memórias em terras de história: problemáticas atuais. In: BRESCIANI, Stella; NAXARA, Márcia (org.). *Memória e (res)sentimento: Indagações sobre uma questão sensível*. Campinas SP: Editora da Unicamp, 2009, p. 37-48.

### **Notas de autoria**

Makchwell Narcizo possui Graduação em História pela Universidade Federal de Goiás (2009), Mestrado em História pela Universidade Federal de Goiás (2012), Doutorado em História pela Universidade Federal de Uberlândia (2019) e desenvolve pesquisa de Estágio Pós-doutoral na PUC Goiás. Atualmente é professor substituto do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Goiano – Campus Trindade. Tem experiência na área de História, com ênfase em História Contemporânea, História e Culturas Políticas atuando principalmente nos seguintes temas: História; história do holocausto – shoah –; história da extrema direita europeia; história dos sentimentos políticos; narrativa; Negacionismos; Ensino de História. E-mail: makch01@hotmail.com.

### **Como citar esse artigo de acordo com as normas da revista**

NARCIZO, Makchwell. Gestão das paixões políticas: uma breve abordagem da utilização do ressentimento em demandas políticas na perspectiva de Pierre Ansart. *Saeculum – Revista de História*, v. 25, n. 42, p. 157-170, 2020.

### **Contribuição de autoria**

Não se aplica

### **Financiamento**

Não se aplica

### **Consentimento de uso de imagem**

Não se aplica

### **Aprovação de comitê de ética em pesquisa**

Não se aplica

### **Licença de uso**

Este artigo está licenciado sob a [Licença Creative Commons CC-BY](#). Com essa licença você pode compartilhar, adaptar, criar para qualquer fim, desde que atribua a autoria da obra.

**Histórico**

Recebido em 16/02/2020.

Aprovado em 08/06/2020.